

## **Texto de formatura – Turma de Estenotipistas 2016**

E cá estamos nós, após seis longos meses, olhando para trás e tentando entender como tudo aconteceu. Motivados pelo objetivo de nos alçarmos em uma carreira que nos retribuísse valor profissional e também financeiro, teve início uma grande empreitada coletiva. Fizemos as malas e partimos, rumo a um desconhecido desafio, encarando nada menos que a cidade de São Paulo como nossa provisória morada e um grupo de pessoas especiais como companheiros de luta.

Medo.

Aprender um novo ofício parecia simples, até entendermos que nosso desempenho estava diretamente ligado ao desenvolvimento de pontos pessoais importantes, talvez já enferrujados em nós, ou simplesmente esquecidos. Olhar para onde em busca da indispensável concentração? Para a janela, para o chão, teto, mãos! Fazer as mais estapafúrdias relações de sentido em busca da memorização dos códigos? "Kut/ar" é o que mesmo? É "consultar", então o médico, na consulta, nos cutuca? Memorizadas todas as listas de códigos possíveis e imaginários, como descer os benditos dedos? E foi aí que o desespero se instalou. Houve quem pedisse à mãe de Deus, houve quem pensasse na avó, houve quem chorasse em silêncio e até quem chutasse o ar. Então, começamos a cortar no ar, cortar assistindo TV, na conversa com o namorado, nos nossos sonhos e pesadelos, e até no banheiro. Repetíamos como um papagaio o ditado para ver se as mãos escutavam. Ao fim do curso, fizemos muito dicionário técnico, pois já que as mãos não obedeciam totalmente, quem sabe a máquina nos entenderia...

Pois mais que a concentração, a memorização e o desespero, que nos desanimavam e doíam no corpo, o maior

desafio foi buscar acreditar naquilo que, muitas vezes, nos pareceu tão improvável. Confiar na experiência de quem já viveu este aprendizado, contrariando nossas previsões mais íntimas e verdadeiras, foi muito difícil. E nós topamos o convite, demos o crédito, nos deixamos levar pela relação de confiança que se estabeleceu entre nós, alunos, e elas, as professoras. Quantas vezes passou pelas nossas cabeças a clássica falsa certeza: "Eu não sirvo para isso, é inútil"? E quantas vezes fomos, felizmente, surpreendidos pela superação e avanço nas fases do curso que as professoras tanto diziam quando e como iriam acontecer.

Com certeza, é possível dizer que, no fim dessa jornada a qual nos entregamos tão bravamente, nós não aprendemos um novo ofício apenas, mas nos desenvolvemos enquanto seres humanos que conseguiram transpor dificuldades enormes coletivamente e colaborativamente. Acionamos valores especiais em nós e nos ancoramos na total dedicação das professoras, sob o olhar atento de um grande time de de apoio: Walter, Sandro, e Fabrísio.

Enquanto turma, nós dividimos não somente o uber, o almoço, o metrô, a mesa de bar, a apostila, a dipirona, o dorflex, o espaço e as opiniões. Nós dividimos um sonho juntos, o sonho de nos tornarmos estenotipistas. Encaramos esta missão conectados pelos momentos bons, como a sexta feira a tarde, e os momentos de bravura, como aqueles em que as costas doíam, os braços tremiam e o choro vinha, assim, de repente, mas a mão não desgrudava, sequer um instante, não desgrudava. Não foi á toa que os verbos "bater" e "apanhar" estiveram tão presentes em nosso dia a dia nos últimos meses. Porque foi o que fizemos neste tempo de luta, "batemos" e "apanhamos" com força nesses seis meses, de cabeça erguida e firmes, muito firmes.

Por tudo o que vivemos juntos, pela oportunidade que nos deu o Tribunal de Justiça de São Paulo e pelos amigos

que fizemos aqui, pedimos que.... **DESTAQUEM...** Destaquem esse período em nossas vidas para lembrarmos para sempre que nós somos capazes do que sonhamos, que somos privilegiados nesse mundo, por termos meios de lutar e conseguir o que desejamos. Agradecemos aos juízes e colegas de trabalho que acreditaram em nós e permitiram que nos afastássemos para estar aqui hoje. Destaquem esse exato momento, de completude de um ciclo, para agradecer a Deus pelo alento e sabedoria com que ele nos cuidou, nos guiou e nos deu as provas ou, de outra forma, para fazer nossas reflexões e balanços do que esse tempo tão duro fez surgir em nós e de como evoluímos com isso. Destaquem essa parte de nossas vidas para agradecer às nossas famílias e amigos, que deram força e viveram a nossa ausência dolorida sem reclamar (muito). Destaquem o fato de que, se Papai Noel não existe, com certeza nosso anjo da guarda existe e o nome dele é Ronaldo. É...É aquele anjo meio pós-moderno, que vive falando " Eu sei que vocês não vão me obedecer!", mas é só nosso e olha por nós com muito carinho. Destaquem este pedacinho de nossas vidas para levarmos conosco, daqui em diante, Eliete, Euzeni e Heloisa na bagagem, e lembrarmos destas professoras para sempre, principalmente naqueles momentos em que pensarmos em fraquejar.

E para não fugir ao nosso costume, desejamos a todos e todas, em cada canto que estivermos desse mundo, hoje e sempre, muita, muita, muita memória e velocidade.